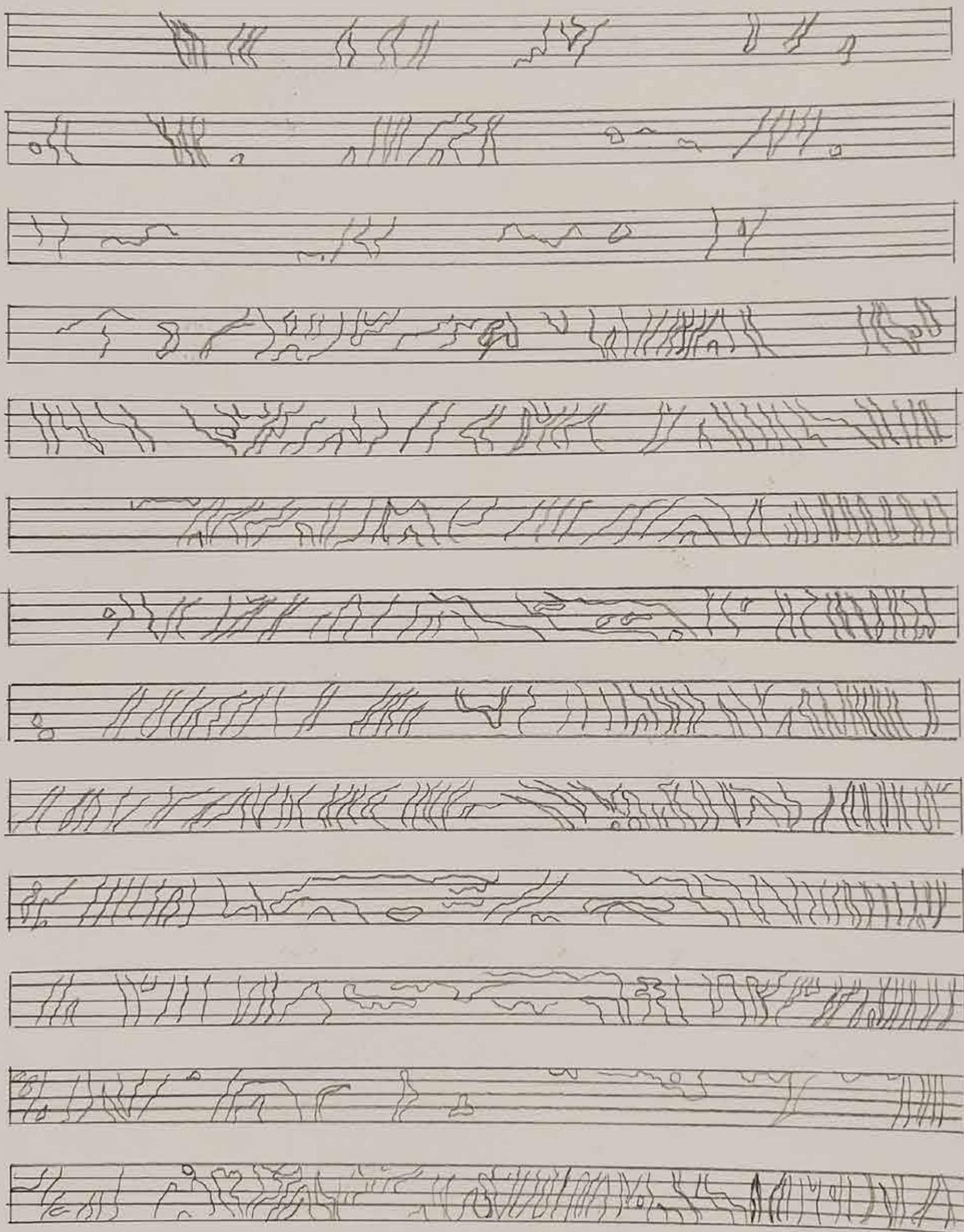


Buchicho

#05



CONCERTOS PARA UM TERRITÓRIO
série de partituras. estudo sobre as vibrações do território.
grafite sobre papel. 30 x 42 cm (cada). 2019 -2022

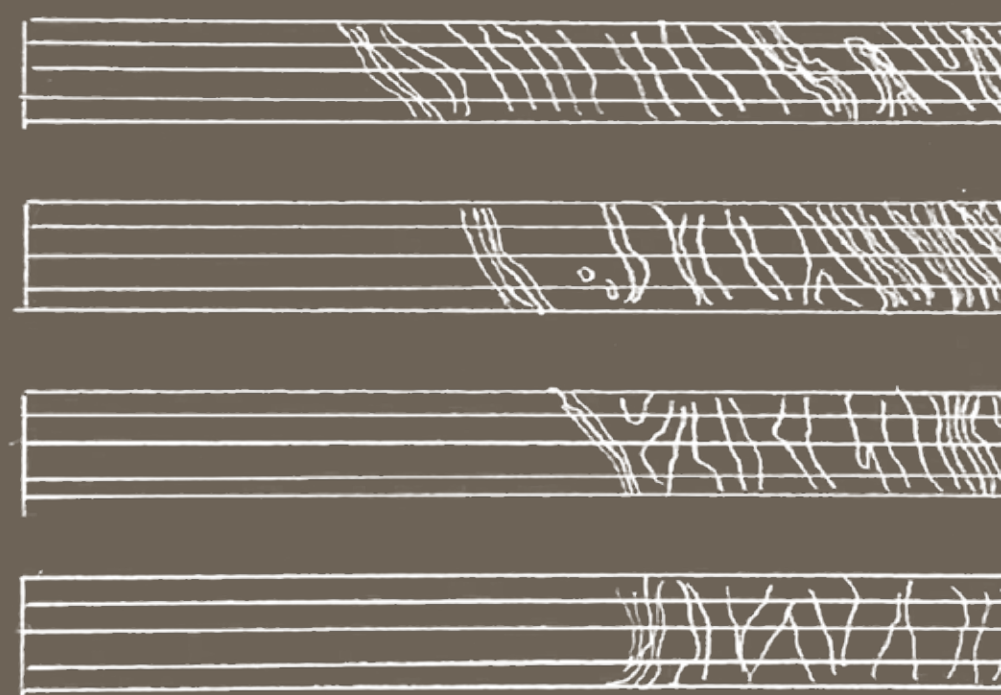
editorial

Henrique Lopes e Leila Mignac

O buchicho já correu por aí em zine, carta e lambe-lambe. Fez ecoar tanto pinturas rupestres quanto a *street art* dos grandes centros urbanos. Agora adentrou o terreno do batuque dos tambores, fazendo escutar aquilo que seu próprio nome guarda: buchicho só se cria com o som dos corpos que se agitam. Assim, nesta edição, você poderá conferir uma entrevista em vídeo com o maestro Ubiratan Marques da Orquestra Afrosinfônica de Salvador (BA), realizada na Casa da Ponte, localizada no Pelourinho, e um mantra editado pelo músico e arte-educador Thiago Verano (GO), a partir da experimentação musical de crianças em uma escola.

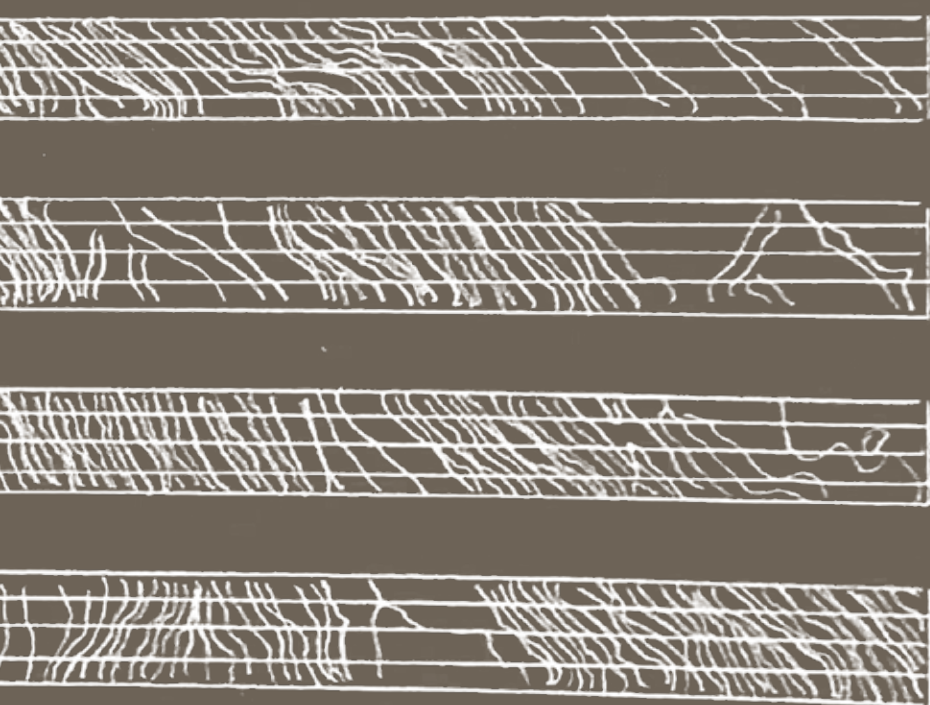
Recorremos aos artistas, mais uma vez, como quem busca uma chance de ver o que não pode ser visto, ouvir o que não pode ser dito. Trata-se de que o irrepresentável se mostre – assim como o que está em jogo na interpretação analítica. Deste modo, seguindo pistas dos primeiros impactos sonoros, Ubiratan e Thiago apontam para um percurso que, apesar de não prescindir das palavras, nos faz ir além delas em sua face de sentido. Nos encontramos com a percussão dos corpos, em uma toada que inevitavelmente remeterá à partitura singular de cada um.

“Dizer ‘minha música’ é uma falha!”, afirma sabiamente Ubiratan, esclarecendo que “essa coisa não pertence à gente”: são pedaços de sons que nos atravessam e com os quais fazemos uma montagem. Ele parece testemunhar de maneira precisa isso que teorizamos em psicanálise acerca da dimensão parasitária da língua que nos habita. Aqui a baliza



é na feitura singular na qual cada corpo colhe do lugar que nasce os sons por ele emitidos. A ética que ele nos enuncia é fazer falar o seu quintal.

Na conversa com Thiago Verano pudemos pinçar algo do que é feito em outro quintal, desta vez da escola, quando se ensina às crianças que eles podem fazer música com os sons de seus corpos e com a sucata que é descartada. Nesse fazer artístico em que o desprezado é levado para a sala de aula, outra ética parece ser transmitida. É possível fazer algo mais com os dejetos, além de descartá-los? É possível inventar algum uso para aquele gozo que não serve para nada?

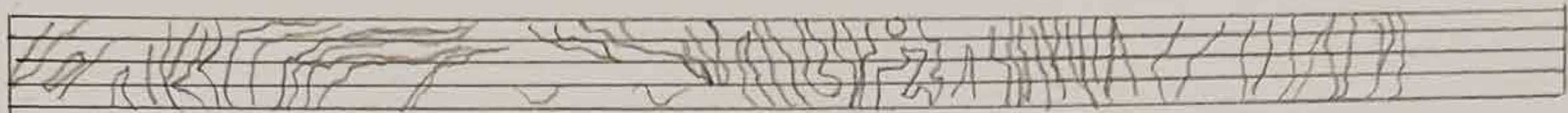
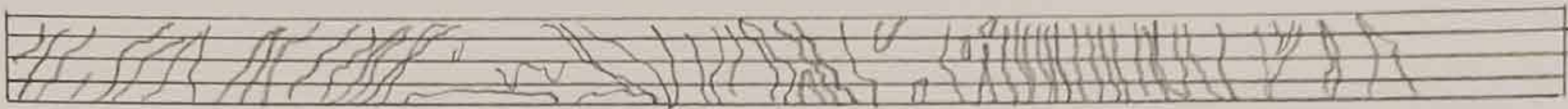


Com o neologismo alfabestização, Lacan enfatiza que algo se perde nessa incorporação de um sistema convencional de regras. O que se perde do gozo de emitir sons a torto e a direito se ganha na possibilidade de alguma comunicação. A música parece habitar essa linha tênue entre som e sentido. Uma vez que

o silêncio é fatiado e o barulho ordenado, alguma dimensão do sentido parece já se imiscuir aí, ainda que não todo.

Por último, contamos com a artista visual Bárbara Schall que, com sua série “Concertos para um território” (2019-2022), produz partituras que não recorrem ao sistema comum e universal das notas, transgredindo a escrita musical que se partilha. Aqui, trata-se de ler o que se escreve a partir das vibrações – dando a ver precisamente aquilo que escapa a qualquer tentativa de apreensão.

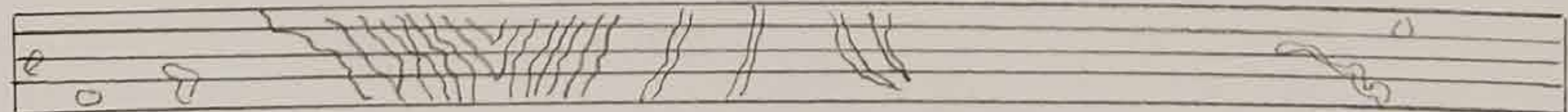
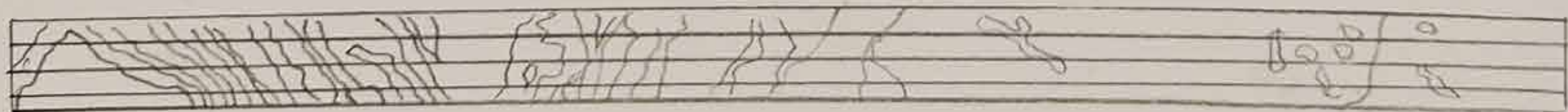
Torcemos para que as pulsações desta edição alcancem e agitem os corpos daqueles que a lerem, também!



entrevista

Ubiratan Marques

Maestro da Orquestra Afrosinfônica de Salvador



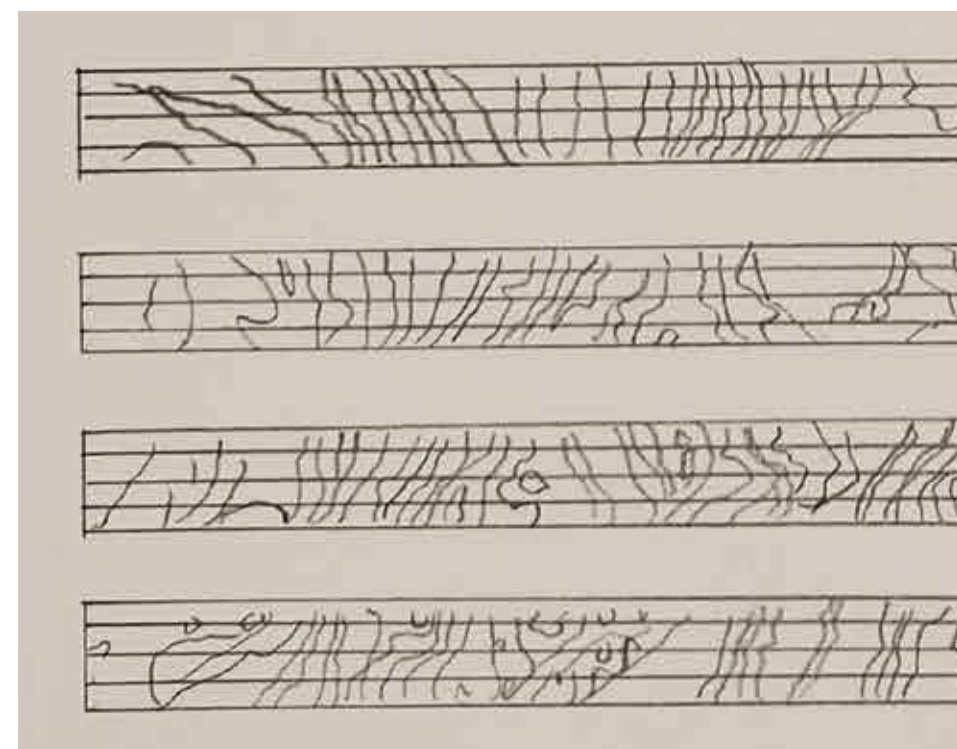
“Tive no peito o mantra mais secreto. E não pude vibrá-lo...”¹

Henrique Lopes



clique para ouvir

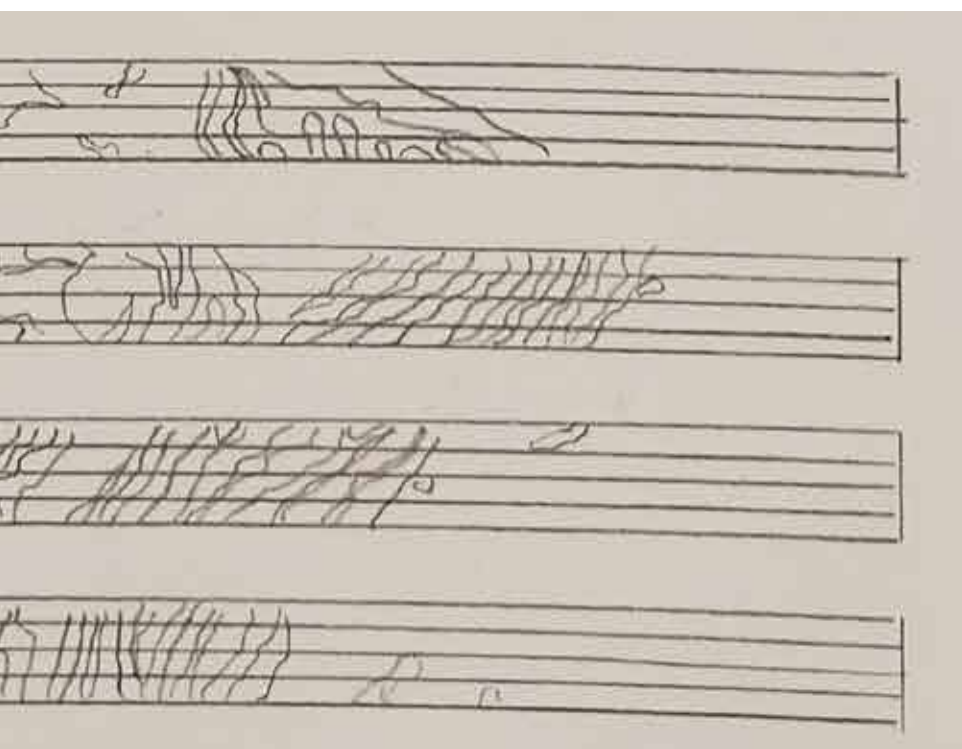
Uma turma de quarto ano do ensino fundamental I reunida em torno de um catálogo de arte chamado Humanidades. Ele serviria de guia para a realização de uma mostra de arte. Conduzi uma oficina de haicais cujas produções dos alunos foram pintadas na parede da sala. Tentei lhes transmitir o mesmo método que aprendi com Alice Ruiz: silenciar o eu para ouvir os balbucios e as trovoadas do mundo lá fora. Afinal de contas, é no “instante seguinte ao estrondo” de uma percepção que certos versos podem se escrever.



Inspirados na instalação *There are two people kissing...*, de Ernesto Neto, dispusemos puffs de poliamida onde os visitantes poderiam se deitar para contemplar outras obras na sala enquanto ouviam o Mantra que vocês podem conferir nesta edição do Buchicho. A partir de aulas de percussão com os alunos, ele foi editado por Thiago Verano, que desenvolve um trabalho experimental transformando sucatas em "sucaterias", explorando ritmos brasileiros e sons urbanos. O grupo Vida Seca, do qual é integrante, faz som a partir de restos descartados, tais como: latas de tinta, mangueiras de jardim e calhas. Criaram, inclusive, um novo instrumento, batizado de ladrilhofone.

Nesta ocasião, o trabalho consistiu em recolher sons emitidos pelos próprios alunos, a partir de seus próprios corpos e da interação com espaços diversos da escola, utilizando-se de canos de PVC e pedaços de metais. Thiago acredita que “a sucata aproxima as crianças do instrumento”, pois, se no decorrer das aulas eles apresentam pudor para mexer no violão do professor, o mesmo não ocorre com estes outros aparelhos não convencionais.

Diferente de alguns instrumentos de corda e sopro, a música de percussão convoca o corpo de outra maneira. Mais além de um corpo que contempla, temos um corpo vivo que responde à vibração dos sons que lhe tocam à revelia do sentido. É isso que Thiago nos testemunha: “bateu no tambor e tocou o chocalho, eles estão dançando e se mexendo. Não se cansam, é impressionante!”. Não



haveria na satisfação encontrada aí ecos da percussão própria da linguagem sobre nossa superfície corporal? Nas palavras de Graciela Brodsky², trata-se do "golpe na pele do tambor, o couro esticado e o vazio que ele encerra. Só assim o tambor ressoa, só assim há um eco no corpo de um dizer. Certamente é por isso que Lacan sempre insistiu no fato de imaginarmos o corpo como um saco que envolve um vazio." (p. 92).

Thiago diz ouvir relatos acerca dos efeitos da descoberta da possibilidade de se fazer som com o corpo. Desde as mães que lhe contam que o filho começou a pegar panela para fazer de instrumento até os professores contando dos alunos que “ficam inquietos fazendo isso em outras aulas. E às vezes atrapalha o funcionamento na escola (risos).” O que me recordou dos versos de Julia de Carvalho Hansen³:

"num acesso de vertigem
todo eu é ruidoso
porque eu vivo

e você também
e o que é vivo
se descontrola.”

Nesse sentido, Thiago afirma que “eles são muito abertos a construir o som”, mas que “às vezes é preciso criar uma historinha para poder fazê-los executar o ritmo proposto. É preciso contar uma história, mostrar uma imagem antes”. Me parece digna de nota essa observação, que talvez pudesse ser pensada, desde o nosso campo, como a necessidade de um aceno do simbólico e do imaginário para “construir o som”. Fiquei a me perguntar se se trataria, aqui, de uma tentativa de tratamento “destes meninos inquietos”, ao dotar de ritmo os ruídos que os habitam. Afinal, mediante uma história e uma imagem, pode-se imprimir uma cadência àquilo que, de outro modo, repercutiria apenas como barulho descompassado.

Nesta edição vocês poderão ouvir estes barulhos da língua destas crianças não-todo ordenados na forma de um mantra. Se ele servirá para “meditações cartesianas” ou mera gozação, é cada ouvinte quem poderá dizer.

REFERÊNCIAS

- 1 HILST, Hilda. “Canto quinto”, de Sete cantos do poeta para o anjo. In: Da poesia. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- 2 BRODSKY, Graciela. “Tercera noche: ‘...bien decir y saber leer’”. In: SALMAN, S.; TARRAB, M. (orgs.). Leer y escribir en psicoanálisis. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2022.
- 3 HANSEN, Júlia de Carvalho. “Cílios”. In: Romã. Belo Horizonte: Chão da Feira, 2021.

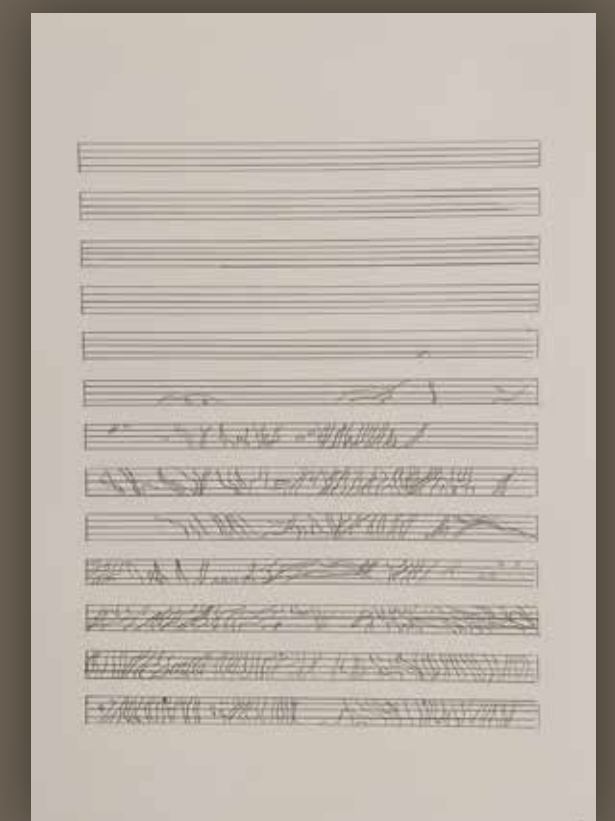
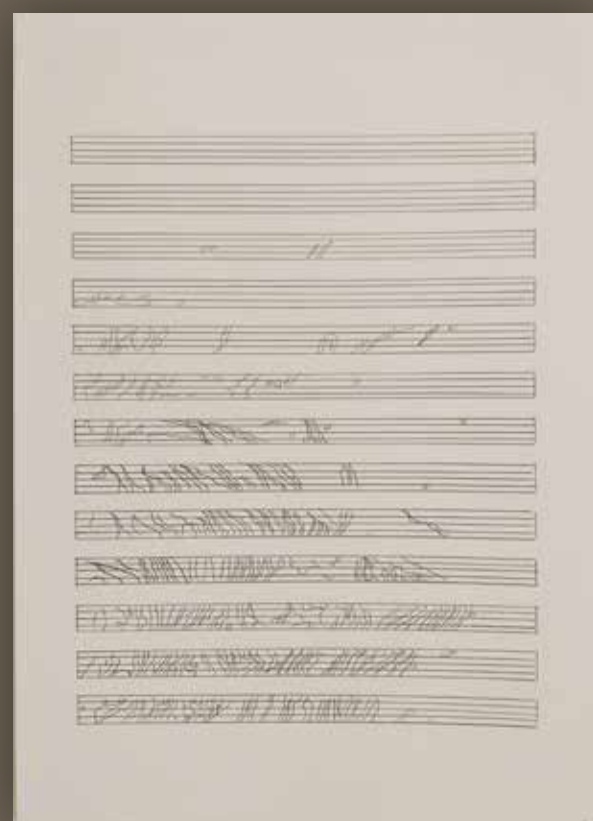
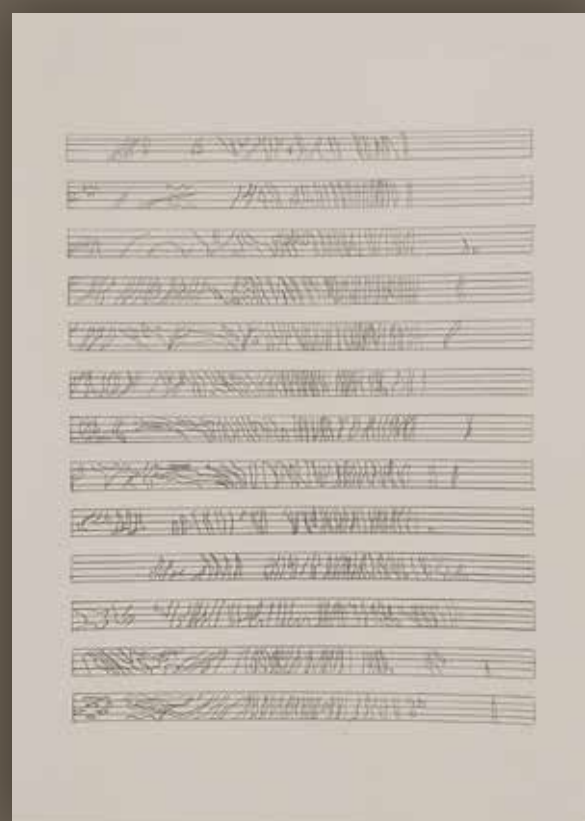
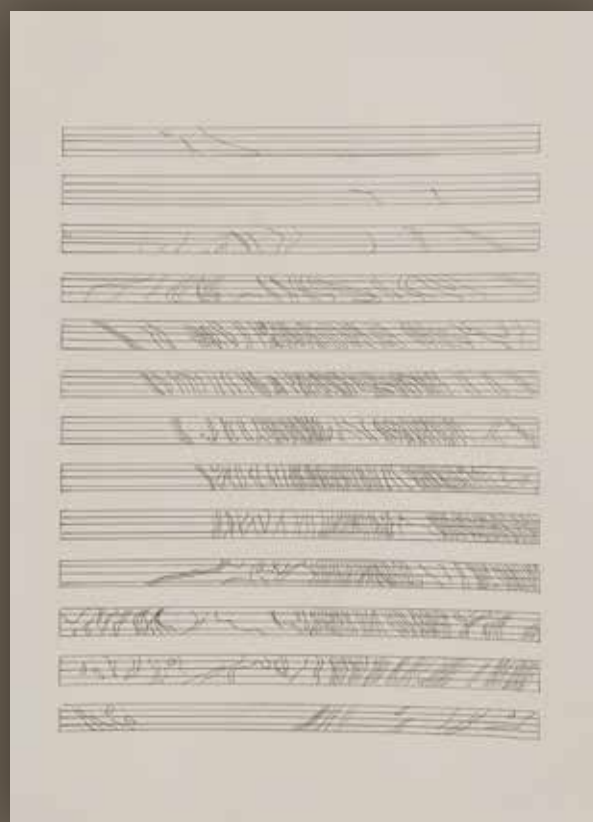
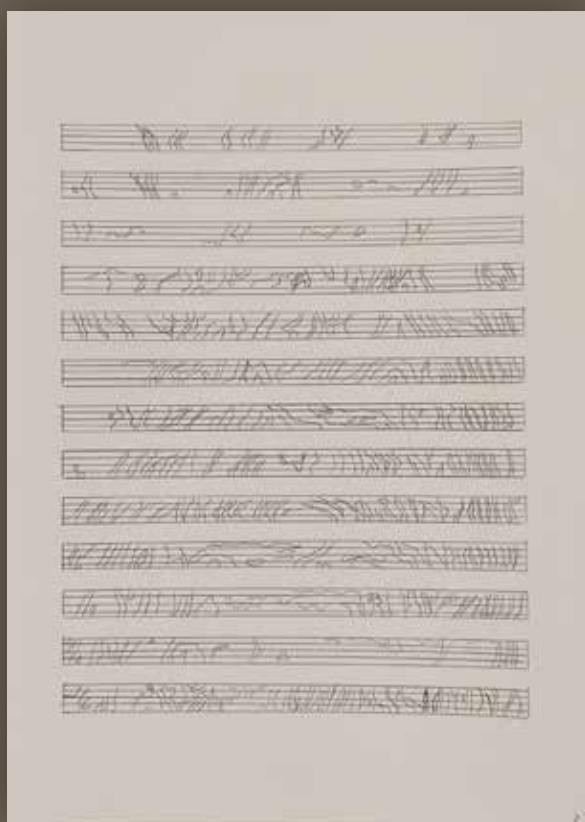
Thiago Verano é um dos músicos fundadores do Vida Seca, grupo de Goiânia que há mais de 20 anos pesquisa e cria instrumentos musicais a partir de lixo e matérias-primas alternativas. Sua trajetória artística começou no início dos anos 2000 no Bloco do Lixo, surgido em meio a manifestações estudantis. Além de músico, atua na produção e em oficinas que disseminam o uso de instrumentos alternativos.



Bárbara Schall

(1984, Belo Horizonte, Brasil)

Vive e trabalha atualmente em Belo Horizonte, Minas Gerais. Formada em Bacharelado em Artes Plásticas pela Universidade Estadual de Minas Gerais – Escola Guignard e especialização em fotografia pela Akademie der Bildenden Künste München (DAAD). Mestre em Artes Visuais pela Escola de Belas Artes - UFMG, colaborou como artista em exposições coletivas e possui trabalhos no MARP - Museu de Arte de Ribeirão Preto, MAM - RJ - Coleção Gilberto Chateaubriand e MAC - Niterói. Para conhecer mais sobre seu trabalho, acesse: <https://barbaraschall.hotglue.me/>



Equipe do Boletim “Buchicho” do XXVI EBCP: Isabel do Rêgo Barros Duarte e Wilker França (coord.): Andressa Luz, Henrique Lopes, Isabela Machado, Leila Mignac, Marina Fragoso, Michelle Sena e Priscila de Sá Santos.